



A Raposa: influências de Herb Lubalin no trabalho de Miran

A Raposa: influences of Herb Lubalin in Miran's work

Leonardo Caldi, Edna Lucia Cunha Lima

Miran, Herb Lubalin, Memória Gráfica, A Raposa

Em nosso artigo, trazemos as relações que notamos entre elementos presentes no trabalho de Herb Lubalin no tablóide Upper and Lower Case (U&lc) e outros que se encontram no trabalho de Oswaldo Miranda (Miran), no suplemento A Raposa. Muito além da produção em preto e branco, Miran, que admite a grande influência de Lubalin, parece homenageá-lo em diversas capas e páginas interiores, revisitando e relendo seu trabalho editorial. As disposições dos elementos gráficos no papel, as escolhas das fontes tipográficas (e seus comportamentos em entrelinhas, kerning e espaços entre as palavras), a exploração do alto contraste e as conversas entre colunas e figuras nos ajudam a estabelecer esta comparação.

Miran, Herb Lubalin, Graphic Memory, A Raposa

In our article, we bring the relation we noticed between elements present in the work of Herb Lubalin in the tabloid Upper and Lower Case (U&lc) and those we find in the work of Oswaldo Miranda (Miran) in A Raposa. Beyond the production in black and white, Miran, who admits the great influence of Lubalin, seems to honor him in many covers and pages, frequently revisiting his editorial work. The arrangement of graphic elements on paper, the choices of typefaces (and their behaviors concerning leading, kerning, and spaces between words), the high contrast exploration and conversations between columns and figures help us establish this comparison.

Oswaldo Miranda, ou Miran, profissional de múltiplos talentos¹ que temos estudado em pesquisas recentes, é um dos mais premiados designers brasileiros². Neste artigo particularmente, a faceta abordada de Miran será a de designer do tablóide A Raposa, que nasceu como Jornal de Humor, caderno que fez parte do jornal Diário do Paraná, de Curitiba. São vários os quesitos, em nosso entender, que fazem desta empreitada que durou poucos anos (de 1976 a 1983) uma coleção rica para a memória gráfica brasileira³: além de - e apesar de - documentar uma época onde os recursos digitais facilitadores que temos hoje (softwares de

¹ Miran se mostra como um ser de múltiplos talentos e recursos, atuando como ilustrador, cartunista, diretor de arte, calígrafo, editor da revista Gráfica, artista gráfico e designer gráfico.

² Segundo Chico Homem de Melo, "Miran é o designer brasileiro com maior reconhecimento internacional, atestado por uma extensa feira de prêmios expressivos e por reproduções de seu trabalho em publicações de circulação mundial. (Melo, Ramos, 2011, p. 511)

³ Em seu texto *On graphic memory as a strategy for design history*, Priscilla Farias nos chama a atenção para o estudo da memória gráfica como campo que possibilitaria o entendimento de como a sociedade seleciona e cria formas, bem como de que maneira ela se mostra traduzida nestas imagens. (Farias, 2014, p. 203)

editoração e ilustração unidos a possibilidades de impressão precisa) ainda não estavam implementados, A Raposa exhibe experimentos gráficos inusitados até então, combinações bem construídas e diagramadas e aportes de tendências gráficas de influência norte-americana, sendo a mais evidente e anunciada pelo próprio Miran a do reconhecido designer norte-americano Herb Lubalin (1918-1981).

Miran aparece com destaque na Linha do Tempo do Design Gráfico no Brasil de Chico Homem de Melo e Elaine Ramos, livro que recolhe o que de mais significativo para nossa área teria ocorrido no século vinte, em duas passagens de cinco páginas. Em uma delas, há um destaque à Raposa.

Na segunda metade da década de 70, Miran torna-se responsável pelo Jornal de Humor (JH), uma seção semanal, dentro do Diário do Paraná; mais tarde, o JH se transforma no tabloide Raposa. Estas foram as principais plataformas de lançamento de seu trabalho. Contando com a colaboração de redatores que eram parceiros de fato, as páginas criadas por Miran são antológicas. Com total liberdade diagramática, elas exibem ora desenhos cuidadosamente rendilhados, ora *blow-ups* - imagens fotográficas contrastadas e ampliadas. Outro recurso recorrente são os espaços em branco, usados para destacar ainda mais o elemento gráfico principal. (Melo, Ramos, 2011: 511)

Nas capas e interiores das edições de A Raposa, a massa de texto é elemento gráfico que não somente cohabita, mas interage correntemente com outros elementos gráficos. Com Miran, o texto dita o ritmo, divide a página (figura 1), pesa, sofre com o peso alheio (figura 2), aumenta e diminui segundo a força das palavras e a intenção da frase, como veremos nas capas. Prende elementos, sustenta o quadro, forma-se como suporte onde pousa o corvo (figura 3). Ou se apresenta em pequenos nomes separados que se associam, cada um, a um fio de cabelo. O texto é para Miran um personagem da cena gráfica, que atua, transmite sua mensagem por suas características formais: antes, desenho, massa, ser; depois, significado textual.

Figura 1: Página dupla de uma edição de Jornal de Humor, por Miran.



Como complemento à citação anterior, os autores legitimam nossa impressão sobre as influências de Lubalin no trabalho de Miran:

Não é difícil identificar na Raposa a influência da *Upper and lower case*, o célebre tabloide de Herb Lubalin publicado em Nova York a partir de 1973. (Melo, Ramos, 2011: 511)

Para entender brevemente a importância da *Upper and lower case*, ou U&lc, tabloide trimestral lançado pela ITC (*International Typeface Corporation*) vejamos o que diz Norbert Florendo, em um *review* sobre o livro *U&lc: Influencing design and typography*:

Com Herb como designer e editor, além de conteúdo adicional por amigos como Lou Dorfsman, Ernie Smith e Seymour Chwast, para citar apenas alguns, a primeira edição foi lançada em tinta preta básica impressa em papel de jornal de tamanho tabloide. Todos estes ingredientes alquímicos se misturaram formando resultados surpreendentes. Como U&lc começou a chegar nas caixas de correio a cada três meses, os leitores inspirados cresceram como experientes designers, mais importante, especialistas em fontes de ITC. (Florendo, 2005)⁴

De fato Miran não nega a influência de Herb Lubalin. Ao contrário, assume a mesma e faz questão de enaltecer o mestre, com quem teve contato nos Estados Unidos, após o americano ter se maravilhado com seus trabalhos. Em entrevista a Ana Lucia Vasconcelos⁵, Miran admite:

Lubalin foi muito importante para mim em relação ao fazer revista, ele amava a arte editorial e transmitiu muita coisa para mim, não só com palavras, mas com a sua própria obra. (Vasconcelos, 2009)

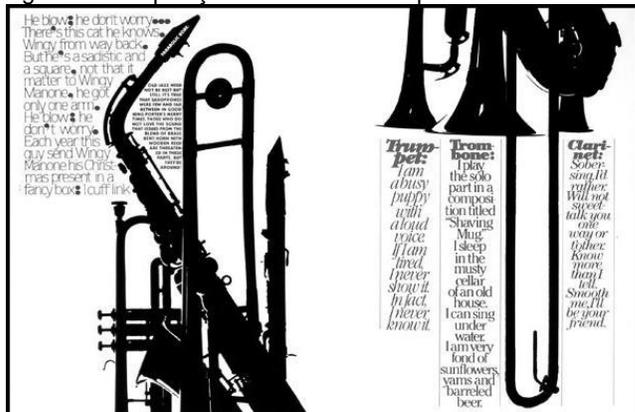
Em nossa busca, encontramos muitas semelhanças formais entre os projetos da U&lc e de A Raposa. Podemos detectar na figura abaixo, de Herb Lubalin, um estilo próximo ao que

⁴ Tradução nossa.

⁵ Ana Lucia Vasconcelos é cientista política pela PUC-Campinas e Mestre em Filosofia da Educação pela Unicamp.

vimos nas primeiras figuras exibidas mais acima, com grandes figuras em alto contraste que atravessam a página e interagem com um texto ritmado.

Figura 4: Composição de Herb Lubalin para revista *Mother and Child*.



Mas Miran parece homenagear a U&lc de maneira bem mais evidente em algumas de suas capas desenvolvidas para A Raposa. Na comparação que fazemos abaixo, identificamos estruturas similares. O logotipo é grande, centralizado no alto e uma ilustração grande aparece ao centro; quatro colunas com pouco texto se apresentam na parte de baixo no projeto gráfico da U&lc, enquanto cinco colunas são exibidas no projeto de Miran. O resultado final, pela divisão do espaço muito similar, nos indica a inspiração do brasileiro no trabalho do norte-americano. Ao compararmos as duas capas, percebemos a similaridade que existem entre elas em onde terminam os logotipos, observando de cima para o centro, e onde são interrompidas as colunas, observando de baixo para o centro.

Figura 5: Edição de U&lc, projeto gráfico de Herb Lubalin, 1976.



Figura 6: Capa de A Raposa por Miran, 1978.



Talvez caiba perguntar se, entre todas as semelhanças, a utilização da figura da raposa não seria uma alusão à forma que toma o & do logotipo do tablóide de Herb Lubalin - por lembrar um rabo de raposa. Mas é algo que ainda deve ser perguntado em um encontro com Miran.

O projeto gráfico de Miran se manteve e foi reproduzido em algumas edições, e todas ainda do ano de 1978 (como podemos ver nas figuras 7 e 8). Nesta época, Lubalin ainda estava à frente da U&Ic, onde permaneceu divulgando e fazendo experimentos com as novas fontes tipográficas da ITC até seu falecimento em 1981 (após a morte de Lubalin, o U&Ic continuou sendo publicado até 1999).

Miran faz uso, no anúncio do falecimento de Herb Lubalin em uma capa de A Raposa, dos dois pontos (:) na horizontal, como um grafismo representando olhos, um deles a lacrimejar. Lubalin usou grafismos tipográficos deslocados de seus significados primeiros (textuais), compondo desenhos, desde a época em que colaborava com o editor Ralph Ginzburg (1929-2006). Lubalin foi o designer das revistas *Eros* (1962), *Fact:* (1964-1967), e *Avant Garde* (1968-1971). Tomando como exemplo o logotipo da *Fact:*, podemos ver os dois pontos próximos à letra t do fim da palavra que dá nome à revista, ganhando um novo significado (figura 9).

Figura 7: capa de A Raposa por Miran, 1978. Figura 8: capa de A Raposa por Miran, 1978.



Figura 9: logotipo da revista *Fact*: por Herb Lubalin.



Como não poderia deixar de ser, a morte de Herb Lubalin foi muito marcante para Miran. Desaparecia ao mesmo tempo o amigo, o mestre e a referência por excelência. A Raposa teve pelo menos dois números dedicados à obra de Herb Lubalin na ocasião de seu falecimento, exibidas mais abaixo, nas figuras 10 e 11.

Figura 10: Edição de A Raposa anunciando a morte de Herb Lubalin. A última frase avisa que o próximo número será dedicado às obras de Herb Lubalin, 1981.

Figura 11: Edição seguinte àquela que anuncia a morte de Herb Lubalin, com editorial de Miran na capa e portfolio do homenageado, 1981.



Uma recorrência gráfica de Miran nos chama a atenção por também ser encontrada com frequência nas obras de Lubalin: jogos de simetria parecem motivar os dois criadores. Algumas análises comparativas nos chamaram a atenção em particular. Os dois exemplos abaixo, de Lubalin e de Miran, ilustram esta escolha em comum (figuras 12e 13).

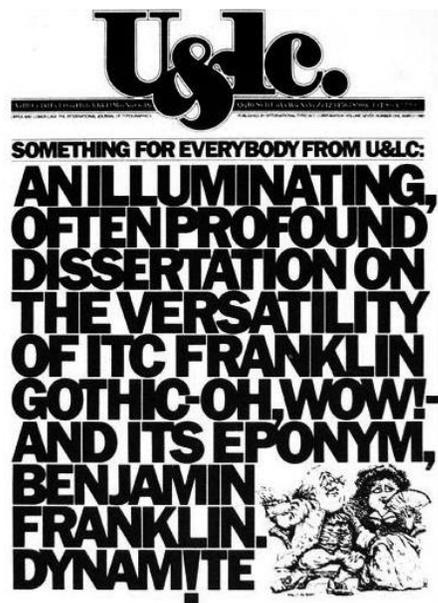
Figura 12: Capa de A Raposa por Miran, 1982.



A distribuição e o comportamento tipográficos similares aos usados por Miran que podemos ver na capa reproduzida acima já haviam sido utilizados por Herb Lubalin em outro número da U&I, como podemos ver abaixo. A fonte utilizada é a mesma (ITC Franklin Gothic), toda em maiúsculas, com a entrelinha no mínimo muito semelhante nas duas composições,

aproximando as frases e formando uma massa de texto que nas duas capas se mostra em parágrafo justificado. Há ainda a presença de uma ilustração em cada capa.

Figura 13: Capa de U&lc por Herb Lubalin, 1980.

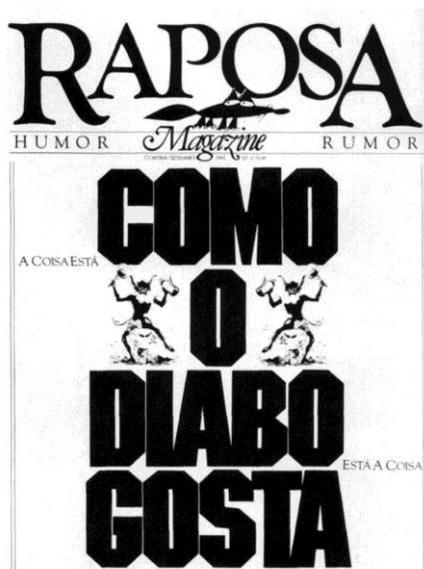


Atentemos agora para os próximos dois exemplos. A capa da edição de A Raposa de Miran que apresenta a frase “Como o diabo gosta” se aproxima graficamente daquela da U&lc que diz “*Come home to Jazz*” em alguns pontos. A fonte é da mesma família nos dois exemplos, com a diferença de que a da U&lc é mais espessa. Nas duas capas, apenas uma palavra se apresenta por linha. E as primeiras palavras das primeiras linhas, “*Come*” na edição americana e “*Como*” na brasileira, forçosamente se assemelham por conterem caracteres iguais, na mesma posição. Por conhecer profundamente e reverenciar com frequência o trabalho do mestre, a alusão ao trabalho de Herb Lubalin não nos parece ser aqui uma mera coincidência.

Figura 14: Capa de U&lc por Herb Lubalin, 1979.



Figura 15: Capa de A Raposa por Miran, 1981.



As contribuições de Miran para o design brasileiro ao homenagear Herb Lubalin são ricas. Carregam consigo os pensamentos e as práticas do mestre norte-americano sobre a utilização de grafismos compondo com a tipografia. Sobre as novas possibilidades de trabalho que as fontes da ITC permitiram aos designers, Lubalin disse:

Desde que Gutenberg inventou o tipo móvel, com suas desvantagens internas causadas pelos ombros de metal ao redor de letras, as pessoas têm lido fontes ilegíveis. Agora, pela primeira vez, os tipos podem tomar o caminho certo, a forma como as pessoas falam - em um fluxo constante, sem interrupções entre letras, palavras, frases e parágrafos.⁶

⁶ Tradução nossa, retirada do site da editora inglesa Unit Editions, que publicou em 2012 o livro de Adrian Shaughnessy de nome Herb Lubalin, American Graphic Designer.

Miran recebe prêmios diversos de revistas e associações, e ao se mostrar e manter contato com os norte-americanos, forçosamente, por eles é influenciado. O que passa a produzir no Brasil e para o Brasil tem forte carga do que foi por ele recebido lá fora.

A saga de Miran com A Raposa é heróica. Vale lembrar o que diz Ericson Straub em artigo publicado na revista ABC Design:

Logo no início, Miran bancou os custos de produção do jornal. Porém, em pouco tempo o encarte se tornou uma referência para o meio cultural de Curitiba e, a pedido da direção do jornal, tornou-se um caderno. (Straub, 2009)⁷

Tal fato não fica marcado em nenhuma página, mas recordá-lo e enaltecê-lo nos faz atribuir um valor ainda maior à empreitada de Miran, pois foi a partir de A Raposa, como lembra Chico Homem de Melo (Melo, Ramos, 2011: 596) e o próprio Miran (Vasconcelos, 2009), que surgiram os primeiros de seus inúmeros trabalhos premiados internacionalmente. Foi A Raposa que abriu as portas para que Miran estabelecesse contato não só com Lubalin, mas também com Saul Steinberg, André François, entre outros. Somente alguns anos depois, em 1978, A Raposa passou a ser editada pela Fundação Cultural de Curitiba (Straub, 2009). Após a morte de Herb Lubalin em 1981, Miran continuou a editar A Raposa por mais dois anos.

Em 1983, Miran começou um novo caminho heróico e de grande generosidade, o da revista Gráfica. Desta vez, a ideia era a de mostrar ao Brasil e ao mundo, em cores vivas, papel resistente e em novo formato (que por sua vez é muito semelhante ao utilizado por Herb Lubalin na revista Avant-Garde, na década de 1960), os designers, artistas, calígrafos, tipógrafos e quem mais fosse de sua admiração, independente da nacionalidade.

Infelizmente o jornal não tem a mesma nobreza material que as revistas mais resistentes como é o caso da revista Gráfica. O diário feito em papel-jornal é para o leitor cotidiano ou esporádico uma peça descartável: perde a utilidade de portador de notícias em poucas horas. Papel-jornal suja, perde tinta, rasga com facilidade e em pouco tempo de armazenamento a folha acinzentada torna-se amarelada. No entanto os jornais por anos existiram nos arquivos das redações (e ainda existem), em forma de microfimes, compondo coleções fotografadas acessíveis. Os mais recentes, a partir da adoção dos arquivos PDF para impressão, existem em formato-fonte digitalizado.

Enquanto as revistas, como a Gráfica de Miran, nascem como objetos de colecionador, vistas as qualidades do projeto inteiro, da escolha dos criadores a serem homenageados à impressão, o objeto jornal já nasce condenado a ser descartado por sua importância informacional nada duradoura e por sua composição física pouco ou nada requintada.

Ainda assim, a dificuldade que temos em reunir os exemplares da revista Gráfica para nossas pesquisas é grande. De vários sebos do Brasil, conseguimos adquirir alguns exemplares. O próprio Miran, consultado, tem apenas seu acervo pessoal de números antigos. Contamos com amigos e colegas colecionadores.

Peças como A Raposa são de grande valor para a memória gráfica brasileira, tanto pelas influências como as de Herb Lubalin quanto pelo que é Miran para o design brasileiro. Pensemos também na quantidade de novos estudos e análises que podem ser feitos a partir de peças como estas. As peças efêmeras carregam em si potencialmente descobertas sobre criadores, influências de outros ilustradores e designers, referências sobre a época em que foram criadas.

É interessante reler Twyman refletindo sobre os efêmeros:

⁷ Tradução nossa.

[A palavra efêmero(a)] (...) é agora aplicada por pessoas como nós para descrever documentos que têm relevância somente por pouco tempo, normalmente o dia ou os dias do evento ou da situação à qual eles são relacionados. (Twyman, 2008, p.19)⁸

Afinal, todo item do efêmero conta uma história, ou ao menos revela informações específicas sobre algo. (Twyman, 2008: 25)⁹

A importância dos efêmeros para nós designers, talvez resida pouco no conteúdo informacional e muito na forma, na técnica, nos recursos utilizados para produção e execução, nas dificuldades encontradas e astúcias criadas para driblá-las e vencê-las. E se faz quando olhamos para trás na história e nos damos falta de algo hoje.

A importância de A Raposa se dá por tudo isso e por ser o início da trajetória premiada deste ícone que é Miran. Absorver esta história e reviver um pouco de seu caminho faz com que possamos revelar e entender gradualmente suas escolhas gráficas, sua rede de influências, seu modo de lê-las, trabalhá-las e adaptá-las. Trilhar um caminho com tanta reverência a Herb Lubalin parece ter sido uma excelente e sincera escolha.

Referências

- FARIAS, P. L. 2014. On graphic memory as a strategy for design history. In: BARBOSA, Helena & Calvera, Anna (Eds.) *Tradition, transition, trajectories: major or minor influences? [= Proceedings of the 9th International Committee for Design History and Design Studies]*, pp. 201-206. Aveiro: UA Editora.
- FLORENDO, N. 2005. Book review of *U&lc: Influencing design and typography*. In *Typographica: Type Reviews, Books, Commentaries*. <<http://typographica.org/typography-books/book-review-ulc>>, 15/01/2015
- MELO, C. H. ; RAMOS, E.. 2012. *Linha do tempo do design gráfico no Brasil*. São Paulo: Cosac Naify
- STRAUB, E. 2009. Havia um Miran no meio do caminho. In *Revista ABC Design online*, <<http://www.abcdesign.com.br/por-assunto/historia/havia-um-miran-no-meio-do-caminho>>, 16/01/2015
- TWYMAN, M. 2008. The Long Term Significance of Printed Ephemera. In *RBM: A Journal of Rare Books, Manuscripts, and Cultural Heritage*, vol. 9, nº. 1, pp.19-57. NY: The Grolier Club.
- UNIT EDITIONS Website. 2012. Pre-order Herb Lubalin. <<http://www.uniteditions.com/blog/pre-order-herb-lubalin>>, 18/01/2015
- VASCONCELOS, A. L. 2009. O Fino traço de Miran (Entrevista com Oswaldo Miranda). <<http://cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=3933>>, 20/11/2014

Sobre os autores

Leonardo Caldi, ESDI-UERJ, Brasil <leocaldi@gmail.com>

Edna Lucia Cunha Lima, PUC-Rio, Brasil <ednacunhalima@gmail.com>

⁸ Tradução nossa.

⁹ Tradução nossa.